

Resenha

Guia para educação e prática musical em escolas

VISCONTI, Márcia e BIAGIONI, Maria Zei. Colaboração: GOMES, Neide Rodrigues.
Guia para educação e prática musical em escolas. 1. ed.
Realização: ABEMÚSICA – Associação Brasileira da Música, 2002.

Lélia Negrini Diniz

Fundação Municipal de Artes de Montenegro /
Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre /
Programa de Pós-Graduação em Música - UFRGS
brancodiniz@ig.com.br

Karla Dias de Oliveira

Estação Musical / Piá Piano (Porto Alegre)
karladias@cpovo.net

Júlia Maria Hummes

Fundação Municipal de Artes de Montenegro-UFRGS /
Programa de Pós-Graduação em Música - UFRGS
jhummes@terra.com.br

José Ruy Henderson Filho¹

Departamento de Artes – UEPA /
Programa de Pós-Graduação em Música - UFRGS
ruy@uepa.br

Márcia Visconti e Maria Zei Biagioni, bacharéis em piano, sendo a primeira graduada em comunicação social e especializada em educação musical, e a segunda, bacharel em canto orfeônico e educação artística e licenciada em música, com a colaboração de Neide Rodrigues Gomes, são as autoras desse Guia.

O livro está organizado num volume de 127 páginas, partindo da seguinte organização: Prefácio, A Música na Escola, 1ª série, 2ª série, 3ª série, 4ª série, 5ª série, 6ª série, 7ª série, 8ª série, Trabalho de Apoio, Dança, Timbre, Os 5 Sentidos, Introdução à Música do Século XXI, Noções Teóricas Básicas para o Professor, Partitura, Partituras-Índice e Bibliografia.

O objetivo principal das autoras é que, através do uso das propostas de educação musical apresentadas no Guia, o professor possa “desenvolver o raciocínio, a sensibilidade rítmica e auditiva do aluno, tornando-o mais receptivo às outras áreas do saber e mais sociável na interação como ser humano” (orelha da capa). Esse objetivo parece não ter a música como foco principal de conhecimento, mas, sim, as conseqüências ou efeitos que ela pode gerar nas pessoas.

Para as autoras, o Guia dirige-se a professores do ensino fundamental. No entanto, não especificam que tipo de formação esse professor deverá possuir. Por outro lado, na carta que acompanha o livro, afirma-se que não é necessária a for-

¹ Os autores são integrantes do Grupo de Pesquisa Formação Inicial e Continuada de Professores em Educação Musical (FICOPEM), ligado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Musical (NEPEM) do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, e registrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, sob coordenação das Profas. Dra. Liane Hentschke e Dra. Luciana Del Ben.

mação musical do docente. Cabe ressaltar que, para manusear o trabalho realizado pelas autoras, é preciso dominar a linguagem musical, pois um professor sem formação na área de música não compreenderá a simbologia musical bem como as partituras ali presentes. Esse profissional poderá também correr o risco de não saber selecionar o que é apropriado ou não para uma determinada turma de alunos. Seria lamentável usar o livro como uma simples “receita de bolo”. A apresentação gráfica, a ordenação dos títulos e o modo como o livro está organizado poderão induzir o professor a usá-lo de maneira equivocada. Também cabe apontar que um professor com formação musical dispensaria as informações trazidas no capítulo “Noções Teóricas Básicas para o Professor”, pois estas se apresentam de forma superficial. Tais informações também não seriam suficientes para um professor leigo conhecer a linguagem musical.

Quanto às práticas sugeridas, o Guia apresenta, sistematicamente, o planejamento de atividades para cada uma das séries, da 1ª até a 8ª. Nos capítulos destinados a cada série, o livro procura abordar vários aspectos da música, tais como: pulso, ritmos, andamentos, mudança de compasso, desenhos melódicos, leitura rítmica e melódica, incluindo a leitura convencional das notas na pauta, escalas e intervalos. Também são vários os temas apresentados na proposta de trabalho sugerida no Guia. Estão presentes a música brasileira – representada pelo samba, batuque, cateretê, lundu, cana-verde, entre outros – e alguns temas clássicos, como uma sinfonia de Haydn e um tema de Béla Bartók. Mesclados a eles, encontram-se temas tradicionais do folclore, como parlendas, cantigas de roda e brincadeiras cantadas.

As sugestões de atividades também envolvem o trabalho corporal, a confecção de instrumentos musicais, a pesquisa bibliográfica e a apreciação musical, orientando os professor em direção a uma prática mais ampla de educação musical. No entanto, a seleção do repertório é atribuída exclu-

sivamente ao professor, afastando a possibilidade de se trabalhar o material trazido pelos alunos de seu cotidiano. Outro fato que merece ser salientado na análise desse material é a ausência de atividades de composição ou criação musical.

As autoras afirmam ainda que “a música na escola não pode ser simplesmente ornamental para animar as festas” (p. 11). Entretanto, enfatizam um calendário de atividades a serem desenvolvidas mensal e bimestralmente em função de datas comemorativas. Entre as páginas 13 e 15, são listadas algumas formas de incluir na prática de sala de aula temas como Carnaval, Descobrimento do Brasil, Dia do Índio, Dia de Tiradentes, Festas Juninas, Folclore, Independência do Brasil, Mês da Criança, o que parece contradizer a afirmação anterior das autoras. Vale ressaltar, no entanto, que isso dependerá do uso que o professor fizer do Guia.

Quanto à bibliografia citada, as autoras trazem nomes conhecidos da área de educação musical: Violeta Hemsy de Gainza, Ermelinda Paz, Murray Schafer, José Miguel Wisnik, entre outros. Também referem-se a autores de áreas transversais à música, como Lannoy Dorin, João Duarte Júnior, Ruth Harf e Patrícia Stokoe e Jean Piaget. Apesar disso, não explicitam quais são os fundamentos do trabalho proposto, qual é concepção de educação musical subjacente ao mesmo. Assim, o trabalho mais se parece com uma colagem de propostas metodológicas selecionadas das obras dos autores citados.

Concluindo, ressaltamos a importância de obras como a aqui analisada, que buscam fomentar o ensino de música nas escolas. Por outro lado, alertamos para a necessidade de esses trabalhos apresentarem coerência e fundamentação teórica explícita que os justifique. Essa talvez possa ser uma maneira de fomentar a reflexão do professor sobre a proposta, auxiliando-o a exercitar sua autonomia e fazer uso consciente do material disponível.